

## ***VISÕES DA MORTE NA HISTÓRIA DOS FRANCOS DE GREGÓRIO DE TOURS***

Autor: Ana Cristina Campos Rodrigues\*\*

Não temos como negar a importância apaziguadora, para o ser humano, dos rituais e símbolos que cercam a morte. Além de o distinguir dos demais animais, a ritualização e a apropriação do momento em que o corpo deixa de funcionar é um traço característico que ajuda a demarcar as sociedades e estabelecer suas diferenças. O homem da Alta Idade Média vivia em constante intimidade com a Dama Negra devido às precárias condições de sua existência, a sua concepção cristã do mundo. Preparava-se para ela, para uma morte domesticada que era um acontecimento público. Havia, no entanto, ocasiões terríveis em que a morte, sorrateira, negava o aviso prévio. Tratava-se da morte súbita, ou devida às doenças e aos desastres, que espalhava o pânico, menos por significar o fim da vida do que por impedir a ritualização tão necessária à bem sucedida passagem da vida terrena à vida eterna. A *História dos Francos*, de Gregório de Tours, está repleta de referências a mortes de reis, abades, bispos e demais homens santos, além de referências a diversos acontecimentos desastrosos. Iremos usar passagens dessa *História* para podermos observar como era o morrer na Alta Idade Média e o seu impacto na sociedade.

---

\* Texto apresentando na I Semana de Estudos Antigos e Medievais da UNIANDRAGE/ PR, agosto/2003.

\*\* Aluna do curso de Graduação em História na Universidade Federal Fluminense e bolsista de Iniciação Científica pelo Fundo de Amparo a Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro – FAPERJ.

A Morte. A grande companheira do homem, a única certeza que vem caminhando lado a lado com a humanidade desde o começo, e jamais irá deixá-la. Momento inevitável para todos nós. Se, ainda hoje, com todos os avanços médicos e tecnológicos, vivemos dominados pelo fantasma de nossa própria morte, é de se imaginar o impacto que todo processo de extinção de uma vida causava nas sociedades que possuíam menos armas para minimizar seus efeitos.

A importância da morte em um coletivo mostra-se na relevância dos ritos mortuários e da sua inserção no cotidiano. A abundância de fórmulas, relatos e recomendações para a passagem final é marca, portanto, de uma sociedade que teria uma ligação muito profunda com a morte. Edgar Morin chama a atenção para o fato de que o cristianismo, desde o seu início, esteve ligado ao ato de morrer, pois “Cristo resplandece em torno da morte, só existe para e através da morte, carrega a morte, vive da morte.”<sup>1</sup>

Portanto, em uma obra como a *História dos Francos* de Gregório de Tours, escrita em um momento em que o cristianismo buscava consolidar-se, é encontrada uma grande preocupação com a morte. Preocupação que expressa-se em diversos capítulos, cujos títulos a mencionam, provocada por motivos naturais, por assassinatos e por catástrofes, e ainda trazem relatos de vários tipos sobre acontecimentos relacionados com a morte, violenta ou não, de algum personagem. É por essa abundância de relatos que tentaremos mostrar como os homens dos primeiros séculos da Idade Média viam e interagem com a Morte.

Gregório nasceu em uma família gaulesa abastada, de origem senatorial e de ampla inserção nos quadros da Igreja, e no decorrer de sua vida, no século VI, escreveu diversas obras, entre vidas de santos e sermões diversos. A obra que usaremos nesse breve estudo, a *História dos Francos*, apesar do título, é um tratado que se pretende, em parte, de história universal, pois seus primeiros livros tratam do começo do mundo e de acontecimentos bíblicos, mas no correr dos seus capítulos vai perdendo aos poucos essa feição. Ganhando “a forma de um diário, contando os eventos pouco a pouco e ano a ano”<sup>2</sup>, e cada vez mais localizadas, seguia, assim, a tendência das obras desse tipo, suas contemporâneas<sup>3</sup>.

---

<sup>1</sup> MORIN, Edgar. *O homem e a morte*, Rio de Janeiro, Imago Ed., 1997. p. 208-209

<sup>2</sup> LATOUCHE, Robert. “Introduction” in Gregório de Tours. *Historia Francorum*, ed. R. LATOUCHE, Classiques de l’Histoire de France au Moyen Âge 27, vol 1, Paris, Societé d’edition, 1979, p. 9.

<sup>3</sup> Ver BLOCH, Marc. *A sociedade feudal*, Lisboa, Edições 70, s.d., 2<sup>a</sup> ed., pp. 106-110, para uma referência genérica sobre a historiografia medieval.

Como era, nessa obra, a caracterização do ato de morrer? A morte estava constantemente à espreita na vida dos homens medievais, e por vezes se anunciava. Além do bem-aventurado Salvi, que soube de sua morte por uma revelação de Deus <sup>4</sup>, e da rainha Ingeborge, que começou os preparativos para sua morte guiada pela Providência Divina <sup>5</sup>, há outros casos citados na História dos Francos. A morte do rei franco Teodebaldo, por exemplo, foi precedida de uma série de prodígios: frutos nascendo nas árvores erradas e um planeta que se atravessou na frente da Lua são alguns deles<sup>6</sup>. E outra morte real, a do rei Sigisberto, foi anunciada pelo acontecer de um “luar fulgurante atravessar o céu, como já se havia visto antes da morte de Clotário” <sup>7</sup>.

A iminência do trespasse exigia que preparativos fossem feitos, não só em relação ao corpo e a alma, como também aos pertences e familiares que fossem permanecer na vida terrena. Gregório de Tours nos deixou exemplos de como todos deveriam se preparar ao sentirem ser chegada a hora da morte, mesmo aqueles que não possuíam bens materiais. O capítulo 15 do livro VI narra como o bispo de Nantes adoeceu durante uma epidemia, e procurou colocar seu sobrinho como seu substituto no episcopado <sup>8</sup>. A morte do bem-aventurado Salvi, já citado aqui<sup>9</sup>, é mais dignificante, apesar de também se dar em um contexto de epidemia <sup>10</sup>. Ajudou a população da vila sem temer o contágio e, segundo Gregório de Tours,

*“como se graças a uma revelação do Senhor, eu suponho, ele já conhecia a hora em que seria chamado, prepara ele mesmo seu próprio caixão, lava seu corpo, cobre-se com sua mortalha e é assim que ele entrega a alma, sempre voltado para o céu.”*<sup>11</sup>

---

<sup>4</sup> Gregório de Tours, Op. Cit., VII, cap. I, vol. 2, p. 79.

<sup>5</sup> Id., IX, cap. XXVI, vol. 2, p. 219.

<sup>6</sup> Id., IV, cap. IX, vol. 1, pp. 187-188.

<sup>7</sup> Id., IV, cap. LI, vol. 1, pp. 239-242.

<sup>8</sup> Id., VI, cap. XV, vol. 2, p. 33. Curioso apontar que Gregório diz ter negado ordenar o jovem para que ele se consagrasse bispo, recomendando que este antes crescesse dentro da Igreja, já que era leigo. Mas talvez o motivo para a recusa seja outro, já que Gregório havia se desentendido com o bispo anteriormente. Id., V, cap. V, vol. 1, p. 252.

<sup>9</sup> Id., VII, cap. I, vol. 2, pp. 75-80.

<sup>10</sup> A Alta Idade Média foi uma vítima constante de epidemias, além de palco de uma das grandes pandemias de peste. Para referências sobre, ver LE GOFF, Jacques e BIRABEN, Jean-Nöel. “La peste dans la Haut Moyen Âge” *Annales E. S. C.* 31e année, n. 5, 1976 e RODRIGUES, Ana Cristina. “Fogo que cai do céu: epidemias, cataclismos e morte em Gregório de Tours”, texto apresentado na Vª Jornada de Estudos da Antiguidade do Centro de Estudos Interdisciplinares da Antiguidade – CEIA/UFF, mimeo., 2003.

<sup>11</sup> Gregório de Tours, Op. Cit., vol. 2, p. 79.

No entanto, aqueles que possuíam bens materiais, como o Marechal do estudo de Duby <sup>12</sup>, ao sentirem a chegada da morte tratavam de distribuí-los de maneira adequada. O duque Chrodin, ao perceber a iminência de sua morte, chamou os bispos e abades de sua região e distribuiu seus bens generosamente à Igreja, para que esta pudesse atender os mais necessitados <sup>13</sup>. A já referida rainha Ingeborge, guiada pela Providência Divina, chamou Gregório de Tours e lhe pediu conselhos. Seguiu-os a risca, doando terras e direitos à Igreja, e morreu alguns meses depois, acometida de uma doença <sup>14</sup>. Já o Imperador Tibério, ao ficar doente, desesperou-se porque ainda não possuía um sucessor escolhido. Ao escolher um, casou-o com sua filha e morreu durante os festejos <sup>15</sup>.

A necessidade de deixar tudo organizado no mundo dos vivos antes de partir ao além é grande e recorrente. Um dos servidores reais, caracterizado por Gregório como alguém que não respeitava testamentos, recebe uma punição adequada ao ser violentamente assassinado. Nas palavras do bispo de Tours:

*“Acostumado a reivindicar o bem de outrem e a violar os testamentos, ele teve um fim de vida que não permitiu que ele, na iminência da morte, deixasse clara a sua verdade, ele que nunca respeitara a dos demais.”* <sup>16</sup>

Nesse caso, portanto, é como se a sua morte súbita fosse um castigo pelos desejos póstumos de outros que não respeitara, ao não lhe dar tempo de se preparar da maneira devida. No âmbito dessas preparações para a morte, aqueles que durante a vida tivessem se desviado do caminho certo, ao sentir a proximidade do fim poderiam, como em um último arranjo, pedir perdão por seus erros. Era, segundo Ariés, o “tempo de esquecer o mundo e de pensar em Deus” <sup>17</sup>, quando confessavam-se as culpas e encomendavam-se as almas. Na *História dos Francos*, Gregório de Tours relata que Leovigildo, rei dos visigodos, adoeceu gravemente. Arrependeu-se da sua heresia e converteu-se ao catolicismo, e, “ depois de ter passado sete dias inteiros a chorar sobre as iniquidades que cometera contra Deus,

---

<sup>12</sup> Duby, Op. Cit., pp. 7-38 Toda a preparação da morte de Guilherme Marechal, o momento do trespasse e os ritos funerários são analisados por Duby nesse primeiro capítulo.

<sup>13</sup> Gregório de Tours, Op. Cit., VI, cap. XX, vol. 2, p. 37.

<sup>14</sup> Id., IX, cap. XXXVI, vol. 2, p. 219.

<sup>15</sup> Id., VI, cap. XXX, vol. 2, pp. 46-47.

<sup>16</sup> Id., IV, cap. LI, vol. 1, pp. 239-242.

<sup>17</sup> ARIES, Op. Cit., p 33.

entregou sua alma”<sup>18</sup> O rei Clotário arrependeu-se de todas as suas faltas ao pé do túmulo de São Martinho e “com grandes gemidos ele pedia que o bem-aventurado confessor implorasse a misericórdia do Senhor por suas faltas e obtivesse o perdão pelos atos irracionais que cometera”. Durante esse mesmo ano ele sofreu de uma grande febre e morreu<sup>19</sup>.

Philippe Ariès chamava a atenção em seu já clássico estudo sobre o tema da Morte<sup>20</sup> que o período alto-medieval seria marcado por uma espécie de indiferença perante a morte, ou pelo menos de destemor frente a ela. Afinal, esta seria previamente definida e domesticada em ritos de passagem muito específicos, destinados a torná-la um acontecimento do qual fariam parte não somente o moribundo e os seus mais próximos, mas também toda a coletividade em que estavam inseridos. Essa visão contrapunha-se, assim, à da sociedade antiga, que julgava ser dever exclusivo da família cuidar dos seus mortos, assim como o de o fazer de forma intimista.

Na historiografia, é exemplar a forma como Georges Duby em seu estudo sobre a biografia de Guilherme Marechal apontou para essa concepção de uma “*morte domada*”, ao caracterizar o extenso e intricado relato dos ritos mortuários que antecederam o final da vida do personagem:

*“ (...)nós, para quem a boa morte deve ser solitária, rápida, discreta: aproveitemos que a grandeza alcançada pelo Marechal o mostre a nossos olhos, brilhando com luz excepcional, e acompanhemos a cada passo, a cada pormenor, o ritual da morte à maneira antiga, que não era uma partida furtiva, esquiva, porém numa chegada lenta, regrada, governada – um prelúdio, passagem solene de uma condição para outra, superior, mudança de estado*

---

<sup>18</sup> Gregório de Tours, Op. Cit., VIII, cap. XLVI, vol. 2, p. 180. Ao contrário dos francos, que se converteram diretamente ao catolicismo, os visigodos, que após a queda do Império Romano ocuparam a maior parte da Península Ibérica, eram ligados a heresia ariana, e assim permaneceram até quase o final do século VI, com a conversão oficial do reino feita por Recaredo. A suposta conversão de Leovigildo é uma lenda, provavelmente com o intuito de reforçar ainda mais os estreitos laços que surgem com Recaredo entre a Igreja e a monarquia visigótica.

<sup>19</sup> Id., IV, cap. XXI, vol. 1, p. 204.

<sup>20</sup> ARIÈS, Philippe. *História da morte no Ocidente*, Rio de Janeiro, Ediouro, 2003., sendo que esta idéia também está presente em LAUWERS, Michel. “Morte e mortos” in LE GOFF, Jacques et al (orgs.) – *Dicionário temático do Ocidente Medieval*, Bauru/São paulo, EDUSC/Imprensa Oficial, 2002, 2 v.

*tão pública quanto as bodas, tão majestosa quanto a entrada dos reis em suas leais cidades. A morte que perdemos, e que talvez nos faça falta.*<sup>21</sup>

A morte de Guilherme Marechal, que compõe a primeira parte desse primoroso trabalho de Duby, é, portanto, bem ilustrativa do ‘bom-morrer’ medieval. Ao sentir a chegada da Morte, o nobre guerreiro começou a destituir-se de seus bens e títulos terrenos, e a preparar sua alma para chegar tranquilo aos céus. Para Ariés, esses são os primeiros passos para morrer de forma correta na Alta Idade Média, pois “não se morre sem se ter tido tempo de saber que se vai morrer”<sup>22</sup>, e que “sabendo de seu fim próximo, o moribundo tomava as suas providências”<sup>23</sup>

Não que a idéia de que todos fossem morrer não estivesse sempre presente, e a morte fosse uma surpresa. Mas sempre que possível, os homens tentavam afastá-la, pelo recurso a remédios. O bispo de Nantes, Félix, já citado aqui, tentou evitar que sua doença se alastrasse com a aplicação de um cataplasma<sup>24</sup>. E Teodoberto, rei dos francos, ao adoecer, foi cercado pelos cuidados dos médicos, mas para Gregório, essa tentativa “não serviu de nada, pois o Senhor já havia desejado o chamar”<sup>25</sup>.

Mas as vezes – aliás, com bastante freqüência, tendo em consideração a quantidade de relatos presentes na obra – quem decidia a hora da morte eram os homens. Assassinatos eram comuns, até mesmo banais. Mesmo os laços familiares não os impediam de acontecer. Os filhos do rei Clodomiro foram assassinados por seus tios, temerosos de que eles ascendessem ao trono<sup>26</sup>. A própria mãe das crianças, a rainha Arcadius, nada fez para impedir: foi-lhe dada a opção entre deixar que lhes cortassem os cabelos, retirando-os da linha sucessória<sup>27</sup>, ou deixar que eles morressem. Disse: “Eu prefiro, se eles não devem chegar ao trono, os ver mortos a tonsurados”. A morte, então, é preferível à desonra de perder o privilégio de pertencer a dinastia real.

---

<sup>21</sup> DUBY, Georges. *Guilherme Marechal ou o melhor cavaleiro do mundo*, Rio de Janeiro, Edições Graal, 1988, 2ª edição, p. 10.

<sup>22</sup> ARIÉS, Op. Cit., p. 27

<sup>23</sup> Id., p. 31

<sup>24</sup> Id., VI, cap. XV, vol. 2, p. 33.

<sup>25</sup> Id., III, cap. XXXVI, vol. 1, p. 177.

<sup>26</sup> Id. III, cap. XVIII, vol. 1, pp. 162-165.

<sup>27</sup> Entre os francos merovíngios, a longa cabeleira era um forte simbolismo do poder real. Também curioso nessa passagem é a simbologia da espada desembainhada para fortalecer a idéia do assassinato, que é recorrente em todo o livro.

Além de trazer a honra para aqueles que morressem de maneira justa ou santa <sup>28</sup> a morte também poderia provocar outros efeitos. A morte de um monge que possuía uma ‘grande santidade’ fez com que sua cela tremesse até que retirassem o corpo de lá<sup>29</sup>. É marcante também o impacto das relíquias de santos nessa sociedade, e este não passa despercebido a Gregório de Tours. O óleo da lamparina da tumba de São Nicéio, por exemplo,

*“dava luz aos olhos dos cegos, ele caçava os demônios nos corpos dos possuídos, ele dava saúde aos membros paralisados e é em nossos [de Gregório] tempos um grande conforto para todas as doenças.”<sup>30</sup>*

Sobre a tumba de Médard, bispo de Noyon, conservaram-se “ferros e correntes de prisioneiros que estavam rompidas e destruídas (...) como sinal de sua virtude miraculosa” <sup>31</sup>.

Aliás, o lugar de repouso final era extremamente importante. Basílicas eram construídas sobre corpos de pessoas importantes, santos principalmente. O já citado Médard teve como lugar de repouso eterno uma basílica construída pelos reis Childeberto e Sigeberto, sendo que o próprio Childeberto foi enterrado ali após a sua morte <sup>32</sup>. A piedosa rainha Clotilde, mãe desse rei, foi enterrada ao lado do seu marido, o rei Clóvis, e de outros membros da família<sup>33</sup> na basílica de São Pedro, sendo que ela própria, em vida, construíra a basílica onde repousavam os restos mortais da bem-aventurada Geneviève <sup>34</sup>.

Não só o local onde o corpo iria repousar tinha grande importância, mas também era importante como se daria esse enterro; logo, em vários capítulos da obra aparecem citados procissões e cânticos que as acompanhavam <sup>35</sup>

Com tudo feito da maneira correta, após “entregar a alma” e ser enterrado, o morto deveria permanecer no lugar que lhe fora destinado, sem tornar a incomodar

---

<sup>28</sup> Como o exemplo já citado do bem-aventurado Salvi, que morreu ao ajudar no combate a uma epidemia de peste.

<sup>29</sup> É o episódio da morte de São Fiardo. Gregório de Tours, Op. Cit., IV, cap. XXXVII, vol. 1, p. 223.

<sup>30</sup> Id., IV, cap. XXXVI, vol. 1, pp. 220-222.

<sup>31</sup> Id., IV, cap. XIX, vol. 1, p. 202.

<sup>32</sup> Id., IV, caps. XIX e XX, vol 1, pp. 202-204.

<sup>33</sup> Os já mencionados filhos assassinados de Clodomiro. Segundo o relato de Gregório de Tours, Clóvis teve três filhos com a piedosa rainha, Clotário, Clodomiro e Childeberto, sendo que o segundo faleceu em campanha contra os burgúndios.

<sup>34</sup> Id., IV, cap. I, vol. 1, p. 181.

<sup>35</sup> Id., III cap. XVIII; IV, cap. I, vol. 1, p.

os vivos. Jean Claude Schmitt aponta para a pequena quantidade de relatos sobre aparições de pessoas mortas aos vivos na Alta Idade Média. Um desses relatos encontra-se justamente na *História dos Francos*, quando um viúvo é atormentado em sonhos pela esposa e pelo amigo, ambos assassinados por ele, em uma crise de ciúmes<sup>36</sup>.

Eis então, descritos por Gregório de Tours, alguns dos aspectos do que Ariés chamou de “*morte domada*”. Era um longo processo ritual, que preparava passo a passo o cristão a finalmente encontrar o seu destino, de acordo com o suas ações terrenas. Claro que nem sempre esse processo conseguia se concretizar, como é o caso da “*morte súbita*” ou da “*morte terrível*”, que segundo Ariés eram exceções<sup>37</sup>. Podemos então afirmar que era dessa forma que a morte acontecia, de maneira geral, na Europa da Alta Idade Média, mais particularmente na região do reino dos francos?

Precipitado tirar tal conclusão da análise da obra de Gregório de Tours. Há um elemento faltante nos seus relatos, que não permite que tracemos um quadro preciso. Entre reis, guerreiros, funcionários reais, bispos, abades e homens santos, não há um relato de morte do camponês, do escravo, do servo, do aldeão. Nem mesmo quando descreve os diversos quadros de fomes, pestes e epidemias, o bispo revela como aqueles situados na camada mais desafortunada da sociedade regiam à chegada da sua última hora. Como se suas mortes não valessem ser relatadas.

Como parte de um discurso promovido por aquela que buscava tornar-se a instituição máxima de poder nesse mundo, a Igreja, a *História dos Francos* retrata a posição desta perante vários aspectos da vida...e da morte. Não compreende dentro de si a visão da maioria, inclusive porque buscava suprimi-la, procurando transformar o discurso cristão na verdade.

---

<sup>36</sup> Id., III, cap. XXXVI, vol. 1, p. 176-177, citado também em SCHMITT, Jean-Claude. *Os vivos e os mortos na sociedade medieval*, São Paulo, Companhia das Letras, 1999, p 49.

<sup>37</sup> A “*morte súbita*” seria a morte dos que são assassinados ou que perdem a vida em catástrofes e acidentes, sem tempo de preparar-se então. Já a “*morte terrível*” seria aquela que aconteceria em contextos epidêmicos.



## Bibliografia

- ARIES, Philippe. *História da morte no Ocidente*, Rio de Janeiro, Ediouro, 2003
- BLOCH, Marc. *A sociedade feudal*, Lisboa, Edições 70, s.d., 2ª ed.
- DUBY, Georges. *Guilherme Marechal ou o melhor cavaleiro do mundo*, Rio de Janeiro, Edições Graal, 1988, 2ª edição
- Gregório de Tours. *Historia Francorum*, ed. R. LATOUCHE, Classiques de l'Histoire de France au Moyen Âge 27, 2 v., Paris, Societé d'edition, 1979
- LAUWERS, Michel. "Morte e mortos" in LE GOFF, Jacques et all (orgs.) *Dicionário temático do Ocidente Medieval*, Bauru/São paulo, EDUSC/Imprensa Oficial, 2002, 2 v.
- LE GOFF, Jacques e BIRABEN, Jean-Nöel. "La peste dans la Haut Moyen Âge" *Annales E. S. C.* 31e année, n. 5, 1976.
- MORIN, Edgar. *O homem e a morte*, Rio de Janeiro, Imago Ed., 1997.
- RODRIGUES, Ana Cristina. "Fogo que cai do céu: epidemias, cataclismos e morte em Gregório de Tours", texto apresentado na Vª Jornada de Estudos da Antigüidade do Centro de Estudos Interdisciplinares da Antigüidade – CEIA/UFF, mimeo., 2003.
- SCHMITT, Jean-Claude. *Os vivos e os mortos na sociedade medieval*, São Paulo, Companhia das Letras, 1999